

Onde procuramos o Ressuscitado? Nalgum evento especial, nalguma manifestação religiosa espetacular ou marcante, unicamente nas nossas emoções e sensações? Ou na comunidade, na Igreja, aceitando o desafio de permanecer nela, mesmo que não seja perfeita?

Papa Francisco, *Regina caeli*, 16 de abril de 2023.



Boletim de Espiritualidade

1 MAIO 2023
Ano X Nº 107

107



Agenda maio 2023

- 1 a 20 V. N. Gaia** (Redentoristas) – Curso: Para uma Teologia da Imagem – o mundo simbólico dos ícones [🔗](#)
- 2 Porto** (C. Cultura Católica) – O discernimento em contexto de sinodalidade – Alexandre Duarte [🔗](#)
- 3 e 10 Aveiro** – Formação: *Joana de Portugal – da memória que dela temos* – P. Nuno Queirós [🔗](#)
- 5 a 7 Fátima** (Domus Carmeli) – Jornadas sobre Longevidade e Espiritualidade [🔗](#)
- 5 Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 6 e 7 Braga** (Casa de Soutelo) – Fim de semana para noivos [🔗](#)
- 8 Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro bíblico [🔗](#)
- 8 Fátima** (Santuário) – Recoleção – Marta Couto [🔗](#)
- 9 Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 11 Online** – Curso Bíblico – P. Armindo Vaz, ocd [🔗](#)
- 11 a 14 Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 12 a 14 Braga** (Casa de Soutelo) – Orando com Maria [🔗](#)
- 13 a 16 Algarve** (S. Lourenço do Palmeiral) – Dia de retiro para doentes e cuidadores [🔗](#)
- 14 Algarve** (S. Lourenço do Palmeiral) – A missão dos avós: dia de formação, oração e convívio [🔗](#)
- 15 Lisboa** (Ig. Alto do Lumiar) – Formação sobre a Morte e Ressurreição: *João Lourenço* [🔗](#)
- 17 Carregosa** (Centro paroquial) – Formação: *A Liturgia Eucarística: da realidade ao rito* – Ir. Fabrício Souza [🔗](#)
- 18 a 21 Algarve** (S. Lourenço do Palmeiral) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 18 a 21 Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 18 a 26 Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 19 a 21 Fátima** (Domus Carmeli) – 3.º módulo da Escola de Maria: «De Mãe a Discípula» [🔗](#)
- 19 a 21 Braga** (Casa de Soutelo) – Rezar com os ícones [🔗](#)
- 19 a 21 Braga** (Casa de Soutelo) – Logoterapia e análise existencial – I [🔗](#)
- 20 Braga** (Carmo) – Encontros com a Palavra (reflexão, diálogo e oração) – Fr. Francisco Maria [🔗](#)
- 20 e 21 Braga** (Casa de Soutelo) – Fim de semana para noivos [🔗](#)

- 25 Online** – Curso Bíblico – P. Armindo Vaz, ocd [🔗](#)
- 26 Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 26 e 28 Braga** (Casa de Soutelo) – Eneagrama – I [🔗](#)
- 27 Braga** (Carmo) – Tarde com Deus [🔗](#)
- 29 Leiria** (Seminário) – Formação sobre «Eucaristia: culto, cultura e arte» [🔗](#)
- 31 UCP** (*online*) – Summer school "Religião e Cultura: leituras da «revolução» paulina": José Tolentino Mendonça e a metamorfose necessária – José Rui Teixeira [🔗](#)

Agenda junho 2023

- 2 Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 3 Online** – Curso Bíblico – P. Armindo Vaz, ocd [🔗](#)
- 2 a 4 Algarve** (S. Lourenço do Palmeiral) – Retiro para casais [🔗](#)
- 5 Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro bíblico [🔗](#)
- 5 Fátima** (Santuário) – Recoleção – João Alves [🔗](#)
- 6 Porto** (C. Cultura Católica) – Famílias acolhedoras de famílias – Pastoral Familiar [🔗](#)
- 7 UCP** (*online*) – Summer school "Religião e Cultura: leituras da «revolução» paulina": Alain Badiou e o universalismo paulino – Teresa Bartolomei [🔗](#)
- 7 a 13 Algarve** (S. Lourenço do Palmeiral) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 9 Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 14 UCP** (*online*) – Summer school "Religião e Cultura: leituras da «revolução» paulina": Giorgio Agamben e o tempo que resta – Alex Villas Boas [🔗](#)
- 16 Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 16 a 18 Fátima** (Domus Carmeli) – Mística e Místicos [🔗](#)
- 17 Braga** (Carmo) – Encontros com a Palavra (reflexão, diálogo e oração) – Fr. Francisco Maria [🔗](#)
- 21 UCP** (*online*) – Summer school "Religião e Cultura: leituras da «revolução» paulina": E. P. Sanders e a religião de Paulo – José Carlos Carvalho [🔗](#)
- 23 Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 28 UCP** (*online*) – Summer school "Religião e Cultura: leituras da «revolução» paulina": Marie-José Mondzain e a língua de passagem – Paulo Pires do Vale [🔗](#)
- 30 Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)





05 a 07
de maio
de 2023

II Jornadas sobre Longevidade e Espiritualidade

A arte de valorizar ao longo da idade

Coordena: Alexandra Araújo
e Carmelitas Descalços



Informações | Inscrições

www.carmelitas.pt

DOMUS CARMELI

Rua Imaculado Coração de Maria, 17

2495-441 - FÁTIMA

Contacto: 249 530 650

domus@domuscarmeli.net

CADOS



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

A virgem Maria em oração

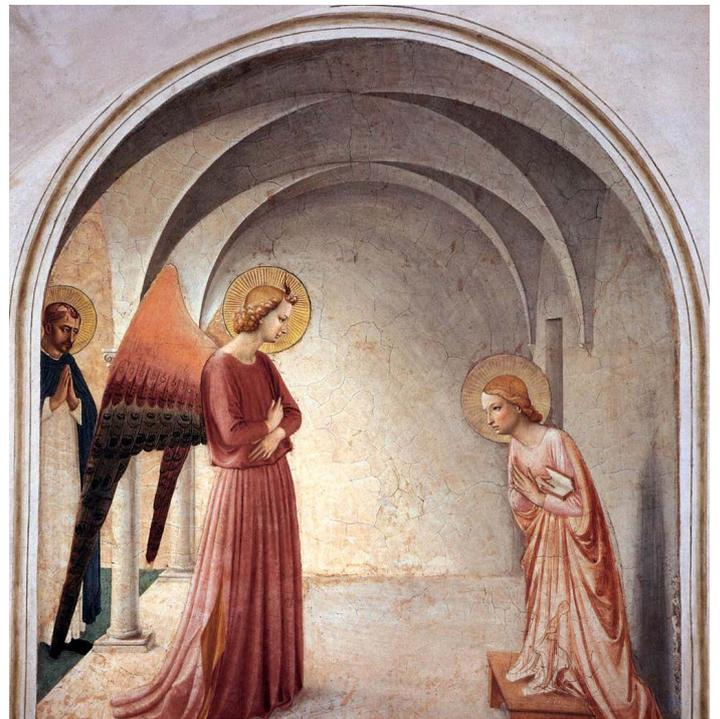
Armindo Vaz, OCD

Maio sintoniza com Maria e com orações cristãs feitas *a ela*, a celebrá-la e a invocá-la. Já desde o séc. XVII se combinou com devoções, procissões, peregrinações e recitações do rosário em honra dela. Mas aqui vamos em busca da oração feita *por ela*, para ver como rezava ela.

Não são muitos os textos do Novo Testamento que falam da oração dela. Mas, quando os evangelhos canónicos registam o primeiro acontecimento teológico sobre a vida de Maria (nas cenas da anunciação do anjo e da visitação a Isabel, que inclui o *magnificat*), põem-na a rezar, a proclamar a *grandeza* de Deus, na conclusão do episódio. Está no evangelho de Lucas 1,26-56. E mal começamos a escutar o relato da anunciação do anjo, acorrem à memória as imagens que a multiforme arte cristã difundiu nos muros, quadros, telas, capelas e igrejas, pintando o enviado de Deus à jovem que era convidada a aceitar ser mãe do filho de Deus. De facto, a cena evangélica põe a transcendência, simbolizada pelo anjo, em diálogo com o mundo dos humanos e a interpelá-los: não parecendo oração em sentido estrito, convoca a piedade para a oração de louvor e contemplação. Não admira, pois, que nas centenas de pinturas clássicas da «anunciação do anjo a Maria» os artistas a tenham pintado a ler as Escrituras em atitude de oração meditativa. Isto não é tentativa forçada de achar o que não existe. Realmente, a jovem aí apresentada é tão sublime que só pode ser admirada e contemplada em atmosfera e atitude de oração. O cintilante ícone da «anunciação a Maria» não é simplesmente poesia. É contemplação e oração.

O diálogo avassalador entre os dois protagonistas do quadro, o mensageiro divino e Maria, é a expressão plástica da Palavra de Deus a comunicar-se a ela, que a fez compreender que o seu filho era filho de Deus. De facto, o anjo da Palavra é um ícone da Palavra de Deus, também palavra das Escrituras hebraicas, que seria familiar a Maria e que o mensageiro divino cita em abundância, fazendo-lhe pelo menos doze referências: a textos, temas, imagens, figuras, personagens, expressões e palavras. Assim, Maria a responder ao anjo é, na realidade, Maria a rezar com a Palavra de Deus. E esta conclusão não é alegoria. Dimana do teor do próprio texto. O anúncio a Maria complementa os numerosos anúncios de nascimento prodigioso no Antigo Testamento, desde o de Isaac, passando pelos de Sansão e de Samuel, até ao do Emanuel. É a mesma mensagem, do princípio ao ponto culminante da revelação bíblica, que alimentava a meditação e a oração de Maria.

Se no diálogo do anjo com Maria temos a Palavra de Deus a dirigir-se a ela, essa é uma superior forma de oração: é Maria orante à escuta da Palavra de Deus, anulada a distância, mantida a transcendência. Aliás, nesta cena do anúncio da concepção e do nascimento de Jesus estão presentes os elementos da oração cristã: Deus Pai actua pelo seu Espírito no interior de Maria, gerando nela o filho Jesus, que enche a sua vida e lhe dá o mais elevado sentido. Por sua vez, Maria, tendo respondido incondicio-



Anunciação

Fra ANGELICO – Convento di San Marco, Florença

nalmente a esse *eterno desígnio* de Deus e dispondo-se a realizar na sua vida o que a ela correspondia (“faça-se em mim segundo a tua Palavra”), pode ser vista como modelo de oração, na medida em que a oração dela confirma a fidelidade à palavra de Deus. A sua oração tinha sido eficaz. De facto, logo a seguir, indo apressadamente visitar a prima Isabel, a sua vida pôs-se a caminho em obediência à palavra de Deus (Lc 1,38-39), representada pelo anjo.

Noutro pormenor da cena, o primeiro que Lucas conta de Maria apresenta-a como «virgem»: “O anjo Gabriel foi enviado por Deus... a uma virgem...; o nome da virgem era Maria” (1,27). E, quando ela, ao anjo que lhe propõe ser mãe, responde que é virgem, “o anjo disse-lhe: O Espírito Santo virá sobre ti...”. A linguagem figurativa e contemplativa de Lucas – que, como a de Mateus no mesmo contexto da anunciação do anjo a José, não é de história nem de biologia, nem se pode entender à letra – reforça bem dois absolutos: o protagonismo absoluto do Espírito de Deus na geração *activa* de Jesus e a virgindade de Maria enquanto símbolo do ser absoluto e da realidade transcendente na geração *passiva* de Jesus. Em Maria a fecundidade vem do Espírito de Deus (“o Espírito Santo virá sobre ti”). A virgindade significa que o seu filho é de Deus: dois pólos da vida de oração de Maria, o Espírito de Deus e a virgindade dela, a transportarem para a contemplação de Jesus como filho de Deus e de Maria como sacrário do filho de Deus. De facto, a afirmação do nascimento de Jesus *da virgem* Maria não visa defender a sua castidade intocada. Quer apelar à fé no mistério de *Jesus como filho de Deus*, colocando-o no centro da oração de Maria à escuta: “ele será grande, será chamado filho do Altíssimo...; o que é concebido santo será chamado filho de Deus”. Ela percebeu o mistério do seu filho em diálogo com a Palavra de Deus: “como será isso?”. E a Palavra de Deus remete-a para a acção do Espírito: “o Espírito Santo virá sobre ti”. A vida humana compreende-se melhor a partir do Alto.

Summer school "Religião e Cultura:

Leituras da «revolução» paulina"



A Universidade Católica Portuguesa (UPC), através do Programa de Extensão Universitária, vai realizar o Summer school "Religião e Cultura: leituras da «revolução» paulina". A formação terá lugar de 31 de maio a 28 de junho, à quarta-feira das 18h30-20h00, em formato *online*. A atividade tem por objetivos contextualizar o pensamento paulino, compreender a influência do legado de Paulo na construção do cristianismo ocidental e identificar as vias de receção do pensamento paulino na cultura contemporânea. [🔗](#)

XI Congresso de Espiritualidade

Fátima, 20 a 22 de outubro de 2023



Espiritualidade no feminino é o título sob o qual está convocado o XI Congresso de Espiritualidade, a realizar em Fátima (Domus Carmeli), entre os dias 20 a 22 de outubro de 2023. O mundo está num ritmo acelerado que afeta a família, a Igreja, as comunidades cristãs, as estruturas sociais e políticas. Homem e mulher vêm-se confrontados com a necessidade imperiosa de se re-posicionarem, de ocuparem os seus lugares e responsabilidades numa lógica de igualdade, diferença e complementaridade. Este congresso, promovido pelos institutos de inspiração carmelita e teresiana, pretende realçar a importância do feminino na espiritualidade e por consequência em toda a vida da Igreja. «Numa Igreja mais feminina, com espaço efetivo para a intervenção da mulher em todas as áreas da sua vida e missão, emergirá uma espiritualidade mais afetiva, uma cultura do cuidado, com relações mais baseadas na ternura e no respeito, da qual resultarão famílias, homens e mulheres, jovens e idosos mais felizes e testemunhantes da alegria que vem da fé», refere a organização. [🔗](#)

Tarde com Deus

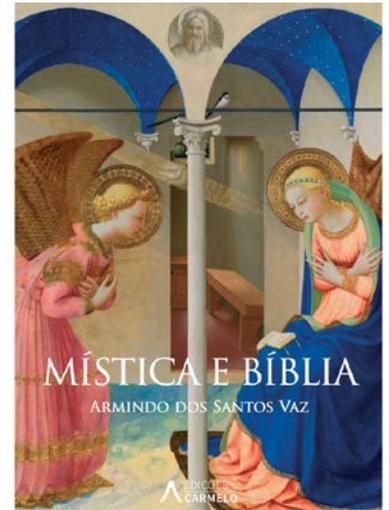
Carmo de Braga, 27 de maio de 2023



Os Carmelitas Descalços da comunidade de Braga propõem uma tarde reflexão, oração e louvor. A sessão terá início na sala Frei José do Espírito Santo, às 15:00h, com um breve ensinamento ministrado por um dos religiosos da comunidade; logo depois de breve pausa, segue com a adoração do Santíssimo Sacramento exposto sobre o altar da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, e termina com o canto de Vésperas e a Bênção Solene. O último ato será uma merenda em comunidade. [🔗](#)

Mística e Bíblia

Armindo Vaz



A procura de Deus e a relação com o Mistério variam segundo as pessoas, tradições religiosas, substrato cultural das pessoas. Cada crente tem a sua mística, na medida em que realiza a sua vocação pessoal, a sua maneira de aderir ao amor de Deus sob a ação do seu Espírito. E exprime-a com imagens, símbolos, metáforas, analogias dinâmicas variadas. O autor da obra, Armindo Vaz, Carmelita Descalço e Professor na UCP, pretende evidenciar o contributo da leitura da Bíblia para o enquadramento da experiência mística.

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

cloustrO

Oração em tempos de AI. Frei João Costa, Carmelita Descalço, escreve neste artigo sobre a sua primeira experiência no mundo do ChatGPT. Neste mundo da Inteligência Artificial, questionou o algoritmo da seguinte forma «pode escrever-me uma oração?». Veja o resultado... [🔗](#)

Sei que caminho como quem é olhado, amado e conhecido!. Já percorreu o *Caminho de Santiago* a pé? Júlio Pereira, Carmelita Secular, fez esta experiência, partindo de Valença, e conta-nos a vivência destes 5 dias de caminho, sozinho, num total de, mais ou menos, 122km. «A experiência do caminho é tanto mais significativa, quanto mais nos predispomos a vivê-la. (...) Assumi o Caminho de Santiago como um caminho espiritual: dispus-me a caminhar, aceitei as contrariedades que o caminho impõe e fui descobrindo que, na verdade, não caminho sozinho: Jesus põe-se a caminho comigo. Esta é a certeza que renovei na minha vida!», refere o autor [🔗](#)

O pequeno caminho de gigantes

Frei Francisco Braguês, OCD

Teresinha foi uma jovem de grandes desejos. Como boa filha de Santa Teresa de Jesus, nunca apoucou os desejos! E o seu maior desejo era ser santa.

Penso que todos nós sentimos cá dentro esse mesmo desejo... Mas chocamos com a realidade da nossa fragilidade, da nossa miséria, dos nossos limites. Teresinha exclamava: «Sempre desejei ser santa. Mas, ai de mim! sempre verifiquei, ao comparar-me com os Santos, que há entre eles e eu a mesma diferença que existe entre uma montanha, cujo cume se perde nos céus, e o obscuro grão de areia» (Ms C, 2vº).

Tal como Teresa de Lisieux, também nós projetamos a santidade para alturas inalcançáveis, obtendo uma imagem irreal e manipulada da "candura" dos santos. Outra tentação é reservarmos o caminho que nos conduz à verdadeira felicidade – outro nome para nos referirmos à santidade – apenas para alguns. É muito fácil acharmos que "isso não é para mim" ou então que "isso é só para alguns escolhidos"! Ninguém pode ficar de fora!

Apesar desse abismo que nos separa dos ideais de santidade, reconhecemos que habita em nós uma sede de felicidade e de nos unirmos cada vez mais a Deus. Como é belo encontrarmos em Teresinha remédio para isto: «Deus não pode inspirar desejos irrealizáveis. Posso, portanto, apesar da minha pequenez, aspirar à santidade. Fazer-me crescer a mim mesma é impossível; tenho de suportar-me tal como sou, com todas as minhas imperfeições. Mas quero procurar a maneira de ir para o Céu por um *caminhito* muito direito, muito curto; um *caminhito* completamente novo» (Ms C, 2vº).

Os desejos que sentimos no nosso interior e que Deus vai provocando em nós de formas tão criativas não podem ser impossíveis de realizar. A sede de infinito que habita em cada ser humano é despontada por Deus. Uma vez, é labareda acesa, outras vezes é cinza que necessita de ser remexida para reacender. Mas o desejo, esse nunca desaparece, pois Deus escolheu-nos para sua morada.

Teresa do Menino Jesus é profética nos nossos dias. Resigna-se à verdade daquilo que é. Não busca uma imagem idealizada daquilo que pretendia ou gostaria de ser. A jovem carmelita descobre-se amada por Deus como é, e não como gostaria de ser. Seria belo descobrirmos na verdade daquilo que somos, apesar dos espinhos e abrochos, um jardim mimado por Deus onde Ele tem as suas delícias.

Espanta-me a pressa de Teresinha. Sim! Tinha pressa de ser santa! Por isso, busca um caminho curto, pequenino e eficaz. Também nós não temos essa presa, de que se rasgue finalmente o véu e possamos chegar à meta? Mas as escadas para subirmos a esses patamares são altas e íngremes...

No final do século XIX, século de invenções e avanços técnicos admiráveis, começam a surgir os elevadores. Teresinha, que os havia visto, descobre que necessita de encontrar um ascensor que a leve até Jesus, evitando assim as



duras escadas. Por fim, descobre-o: «O ascensor que me há de elevar até ao Céu, são os vossos braços, ó Jesus! Para isso não tenho necessidade de crescer; pelo contrário, é preciso que eu permaneça pequena, e que me torne cada vez mais pequena» (Ms C, 3rº).

Sentimos o gozo e o gáudio desta jovem francesa quando descobre que deixando-se abraçar por Jesus poderá, enfim, chegar à santidade tão desejada. Este pequeno caminho, não pode ser percorrido pelos grandes e gente inchada de si própria. É o caminho do Evangelho, dos bem-aventurados, dos pobres e humildes, dos mansos e puros de coração. É o caminho de Jesus que abre os seus braços para nos fazer descobrir as maravilhas do seu amor. É o caminho da misericórdia, daqueles que se descobrem profundamente amados por Jesus, onde são desvendados os segredos desta ciência saborosa reservada aos pequeninos.

O *caminhito*, afinal, é para gigantes, como Teresa do Menino Jesus. Para ele, todos estamos convidados. Vivamos somente do e no amor de Deus. Que esta bela melodia nos ajude a dar o salto para os braços de Jesus e a *vivre d'amour*: <https://www.youtube.com/watch?v=ll5ZYPxOf8c>.

* Publicado no Diário do Minho de 2 abril 2023

Eles lá sabem do que falam

Frei João Costa, OCD



1. Não há ressurreição sem paixão, sem morte. E eis que, depois da paixão e morte de Jesus, aconteceu o que tinha de acontecer, e Ele tinha prometido: ressuscitou. A ressurreição de Jesus (e não a sua morte) é o que celebramos ao longo dos dias da Páscoa. Levamos, aliás, um dia do tamanho de uma semana – é hoje a Pascoela – a celebrar a ressurreição do Senhor. E não bastando tal dia, celebrá-la-emos durante cinquenta como um só! Celebrá-la-emos durante a longa jornada da fé de cada um! O que mais neste tempo de luz nova haja de considerar-se é que se quase todos Lhe falharam (salvou-se a Mãe, um pequenino punhado de mulheres e um menino, João), Ele não, Ele não nos falhou! E jamais nos falhará. Se, primeiro, uns se acobardaram ou Dele se esconderam, Ele saltou do sepulcro onde O haviam encarcerado por três dias, e veio ao seu encontro! E se outro O traiu amargamente, e um outro negou abertamente conhecê-l'O, Ele veio, depois, sempre depois, ao seu encontro, para os confirmar na amizade que os unia, e que jamais Ele rasgou ou declinou. E se agora todos se sentem envergonhados, temerosos e arruinados, Ele apressa-se a trazer-lhes o que mais falta lhes faz: o perdão e a reconciliação, o consolo e a paz – e é Ele quem os dá sem que sejamos nós a pedir. O Ressuscitado vem, pois, com cicatrizes – e tem mesmo de tê-las e tem mesmo de exibí-las –, mas não com mágoas; tem boa memória, e tem, sobretudo, perdão!

2. Leio no Expresso desta semana um ensaio de J. Gameiro sobre a dignidade relacional. O que aquele psiquiatra escreve naquele jornal leio tudo; não é para concordar ou discordar da sua escrita leve, profunda, experiencial, humana, mas para desfrutar e aprender dela. Neste sábado (15 de abril) li-o para discordar. Apressada por ali encontrei a palavra perdão e fui ler com atenção: «O perdão resolve, temporária ou definitivamente, a raiva, a zanga e dá novo ar a uma relação, mas não consegue limpar a indignidade dos actos praticados».

Discordo, obviamente. Tal como discordo quando oiço: «Perdoar, mas não esquecer». Perdoar é perdoar, esquecer é esquecer. São verbos diferentes, não são sinónimos

nem concomitantes. Por isso discordo. Tal como discordo de J. Gameiro que, obviamente, escreve fora das linhas em que me inscrevo e revejo. Ele é médico, eu padre; de algum modo cientista, eu nem aprendiz. Tenho, porém, um não sei quê que me diz que o perdão tem algo de fundante e eterno: lava uma árvore inteira, desde as folhas e os frutos por nascer até às raízes mais profundas da alma. Lava e cura, já agora. Serena e engrandece. Engrandece e enobrece, jamais diminui.

Perdoar lava a mão que fere e abranda a dureza da cicatriz que persiste.

3. E eis que vejo uma sala obscura, obscurecida, fechada, depressiva. De repente, não sei situá-la no tempo. Sei, sim, que existe. Pode ter sido há dois mil anos, pode estar a acontecer agora. Uns quantos homens rondam por ali, mas talvez nem sejam homens, talvez, espectros, fantasmas.

Não sei dizer como, sei que o escuro da sala é irrompido e iluminado por dentro; sei que a fria laje de pedra é quebrada e removida por dentro, como se o Morto sempre tivesse estado ali e, agora, fendendo o bafó escuro com o vigor de um círio aceso, poderosamente se erguesse para alumiar a sala, o coração e o rosto dos espectros, para lhes falar, os inundar de vida, os afogar em alegria nova.

Uma coisa tenho por certa: o Morto que ora naquela sala se alevanta e luminosamente se impõe, é o Ressuscitado, é Jesus Crucificado – o Homem das cicatrizes. Isso mesmo foi o que sentiram os primeiros discípulos quando, na auto-reclusão imposta naquele obscuro cenáculo pres-sentiram a brisa suave de Jesus irrompendo-lhes por ali dentro, pelos olhos, pelas mãos, pelas narinas, até à alma! Foi aquilo tão veementemente forte, tão luminosamente verdade, que jamais duvidaram estar na presença de Jesus – aliás, dariam e deram a vida por isso! Não é que tenham encontrado palavras para dizer ou perceber a ressurreição, não. Simplesmente viram as marcas das feridas no corpo de Jesus e identificaram-no com o Mestre outrora tão amado e depois negado

e depois ultrajado e morto. O não saber compreender como, luminoso e majestoso, estava Ele ali, no meio deles, rasgando a noite e dissuadindo-os do medo escuro, só tem paralelo na alegria que neles estralejou. Uma alegria assim, a única que por si só pode arrebeitar o coração, só explode quando sente e sabe que temos por inexoravelmente alcançada a vitória sobre um inimigo invencível que contra nós arremetera para nos devorar – e não há inimigo mais omnívoro que a morte! Por isso que o Morto estivesse Vivo não sabiam eles explicar, mas também não sabiam como sustar a alegria que dali irrompia porque ali estava Ele, novo, de novo e invencível, com eles!

4. Das palavras até agora ditas re-sublinho três: traição, morte, perdão. O homem traído por seus amigos mais íntimos – íntimos e eleitos para o ser – fora conduzido à morte por seus inimigos. Sim, estivera morto; mas ao Único que podia e pôde visitar os mortos para lhes quebrar as cadeias que os prendiam à escura morte foi dado o fôlego mais forte: o de erguera-se do escuro poço da morte, vir para o meio dos seus amigos – que traidores eram, que medíocres eram, entendamo-lo bem! – para... para os perdoar, e perdoando-os, reerguê-los, firmar-lhes a fé e a amizade, e enviá-los como seus mensageiros.

Isto a mim me basta; isso me basta, sim: digam-me não existir perdão, digam-me da impossibilidade do perdão para sempre, digam-me que por traição, ciúme, cobardia ou indiferença as mãos e a consciência ficam manchadas e impossibilitadas de purificar-se e branquear-se. Digam-me todas essas impossibilidades, digam-me, que isso mais me recorda que um Homem se ergueu do reino da morte para ser constituído seu vencedor; e erguendo-se Vencedor do pior dos inimigos, o primeiro passo seu foi ir à sala onde jantara pela última vez com aqueles amigos – precisamente os que O haviam traído e abandonado nas mãos dos inimigos. Bem sabia o Homem que, vencidos e humilhados, ali os encontraria; bem sabia que se o arrependimento matasse mortos ao haveria de ver; bem sabia que lambendo as chagas do remordimento os acharia. E, porém, quando definitivamente se poderia deles vingar, atirando-lhes tudo à cara, culpando-os e humilhando-os, Ele, afinal os perdoou! E dando-lhes de seguida um abraço de paz, engrandeceu-os!

Assim é Jesus, o Homem das cicatrizes! Só um coração traído, rasgado e macerado e, porém, ardentemente vitorioso, pode perdoar!

5. Como certo dia reflectiu o Papa Bento XVI, também a mim me impressiona que no início de cada Missa, sempre cada um e cada uma de nós haja de confessar a sua culpa, sua culpa, sua «*tão grande culpa*», e logo ali, humilde, haja de fazer o seu pedido pessoal de perdão. Ou seja: óbvio é que somos perdoados antes de O recebermos como Palavra e como Pão – pedir perdão e ser perdoados vem sempre em primeiro lugar. Havemos, por isso, de reparar que não nos basta comê-l’O! Obrigados somos a, previamente, nos deixarmos ser preparados, afeiçoados e alinhados por Ele, e só depois, obrigatoriamente depois, dignos de abrir boca e comungá-l’O...

O perdão existe e é eficaz. Perdoar não é esquecer nem ignorar o mal feito ou sofrido. «Perdoar, como dizia aquele velhinho Papa, *não é ignorar, mas transformar, ou seja, depois da morte na Cruz, Deus deve entrar neste mundo e opor ao oceano da injustiça um oceano maior de bem e de amor*».

Sim, sim, depois da morte e sepultura, sendo já livre das peias do tempo e do espaço, podendo escolher fugir para o céu, Jesus preferiu reentrar no mundo e construir uma história nova. Poderia ter-nos abandonado, mas preferiu vir para o meio daquela sala escura e depressiva, e amar-nos, e abraçar-nos. Podia ter-se negado, mas é óbvio preferiu voltar para nós para nos perdoar! Quem isto pode perceber?

6. Aquele Papa Velhinho tão mal-amado em seus dias, escreveu no seu testamento espiritual: «Do fundo do coração peço perdão a todos aqueles a quem fiz mal de algum modo». Sim, Deus o perdoe, e em cada dia Ele nos perdoe também a cada um e a cada uma de nós, para que em nós se acrescente a consolação do perdão por maior que possa ser a nossa culpa pessoal. Poderá, afinal, existir grandeza maior do que a de ver que Deus acredita em mim e na minha força de mudança e de transformação? E perdoados que somos, não nos deveríamos ver a nós mesmos como um rio de bem que mais se acrescenta e cada vez se volve maior que o oceano de maldades no nosso mundo?

I CONGRESO INTERNACIONAL SANTA TERESA de LISIEUX

28 de agosto a 2 de setembro 2023

UNA
CARRERA
DE GIGANTE
MANUSCRITO "A" DE LA HISTORIA DE UN ALMA
TERESA DEL NIÑO JESÚS Y DE LA SANTA FAZ

